

**TEATRO MUNICIPAL DE BALTAZAR DIAS,  
de Paulo Miguel Rodrigues**

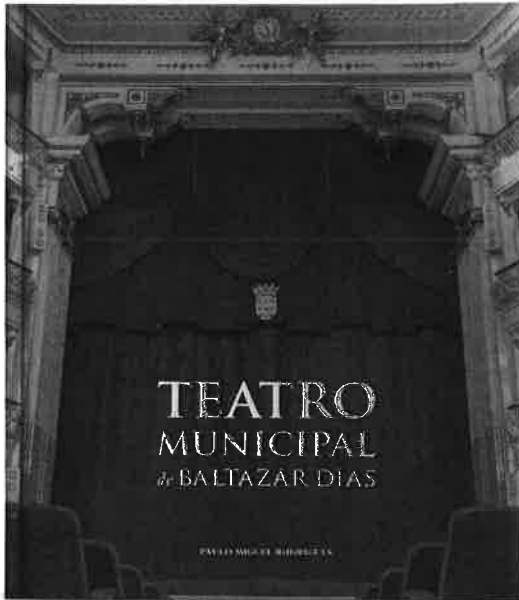
---

Nelson Veríssimo

(Universidade da Madeira e CHAM – Centro de Humanidades)

---

TEATRO MUNICIPAL DE BALTAZAR DIAS, de Paulo Miguel Rodrigues



O Teatro Municipal do Funchal, redenominado de Baltazar Dias, no ano de 1942, em homenagem ao famoso dramaturgo madeirense do século XVI, foi inaugurado em 11 de março de 1888 com a designação de Teatro D. Maria Pia, nome da esposa do rei D. Luís e rainha consorte de Portugal. Foi também chamado de Teatro Funchalense (1911) e de Teatro Dr. Manuel de Arriaga (1917).

Ao longo de mais de 130 anos, o Teatro Municipal – denominação comum ainda hoje – foi o palco de numerosos e variados espetáculos e atividades culturais para residentes e visitantes. É sobre o que aconteceu no tablado que nos fala o livro *Teatro Municipal de Baltazar Dias*, de Paulo Miguel Rodrigues, numa edição profusamente ilustrada da Câmara Municipal do Funchal, com grafismo da Imprensa Académica.

A obra, recentemente vinda a público, assinala o 130.º aniversário do Teatro do Funchal e, sugestivamente, apresenta no subtítulo o objeto de estudo: *(1888-2018): 130 anos sobre o palco*.

Antes de abordar a temática principal, o autor dedicou um capítulo à construção e breve história do Teatro, dando também conta das principais intervenções realizadas no edifício ao longo dos anos, a fim de serem garantidas a segurança e a comodidade e providenciada a adaptação a novas funcionalidades.

Dando particular atenção à atividade dramática, foi esta analisada em quatro períodos: 1888-1910 (do início à implantação da República); 1910-1928 (a I República e os dois anos subsequentes à Revolta Militar de 1926); 1928-1974 (anos finais da ditadura militar e *Estado Novo*); pós-25 de abril até 2018, merecendo especial atenção o Teatro Experimental do Funchal, com direito a um subcapítulo. Esta periodização, pouco comum quanto ao segundo período, porque habitualmente se assume o derrube da I República como marco cronológico, é justificada, de forma breve, na Introdução.

Para além do teatro, o livro contempla outras artes cénicas: Música, Voz e Canto; Dança e Bailado. Por fim, numa secção intitulada *Vária*,



cobrindo o período de 1888 a 1974, apresenta-se um levantamento de atividades de carácter diverso que se realizaram no Teatro, como artes circenses, exibições folclóricas, bailes ou récitas.

Devido a limites editoriais, o Cinema, as Exposições e as Conferências não integram a obra. Convém, porém, prosseguir a investigação para que um novo volume contemple estas áreas.

*Teatro Municipal de Baltazar Dias*, de Paulo Miguel Rodrigues, apresenta-se como um inventário da vida cultural do Funchal, manifestada no principal palco da cidade, que, como refere o autor, abre caminho para novas investigações, em especial sobre grupos ou companhias e géneros representados.

Memória do Teatro e, sem dúvida, contributo para o conhecimento do que se propunha como oferta cultural aos madeirenses e aos forasteiros, e de como o público e a crítica reagiam aos espetáculos, este livro constitui valiosa achega

para a História Cultural do Funchal, vista através da imprensa insular.

Elaborar uma obra desta natureza pressupõe uma seleção criteriosa do que mais relevante e representativo ocorreu. Consciente deste imperativo metodológico, Paulo Rodrigues propõe a criação de uma base de dados digital, que disponibilize o inventário integral, entretanto realizado por uma vasta equipa coordenada por Ana Margarida Salgueiro e com o imprescindível contributo do autor, o que esperamos venha a acontecer.

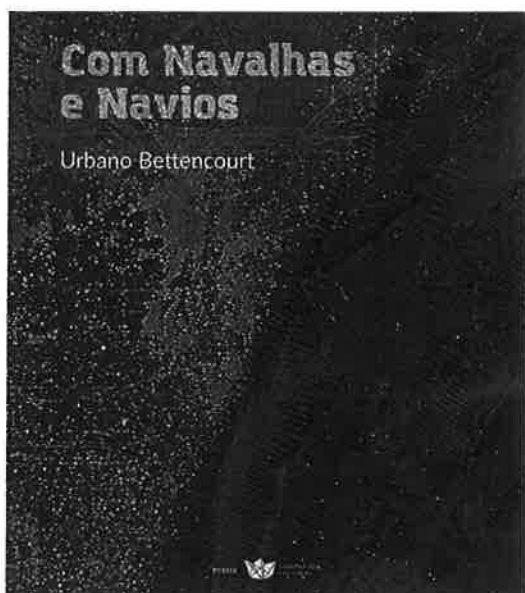
A edição em inglês desta obra, prevista para breve, constituirá excelente via de divulgação internacional do longo percurso do Teatro Municipal, rompendo as fronteiras da Região e da língua.

Rodrigues, Paulo Miguel – *Teatro Municipal de Baltazar Dias (1888-2018): 130 anos sobre o palco*. Funchal: Câmara Municipal, 2019. ISBN 978-989-54361-1-8.

# A PROPÓSITO DE "NAVALHAS E NAVIOS"

## Considerações sobre a poética de Urbano Bettencourt

LEONARDO SOUSA



Conta-se que, ao deparar-se com um exemplar de *Outros Nomes Outras Guerras*, deitada ao prelo pela Companhia das Ilhas em 2013, alguém confundiu a antologia de poemas de Urbano Bettencourt com um passaporte. Tratava-se, pois, de um objecto de tal forma discreto, de tal forma despojado de aparato, uma selecção de poemas que reduzira a pouco mais de quarenta páginas uma obra que percorre meio século, que a ninguém se poderia atribuir culpa pelo equívoco. Seria mesmo um equívoco? Face à transformação de um motivo antológico num objecto de bolso, pondera-se se aquele que se enganou não terá, na verdade, sido certo na sentença.

Seis anos depois, com carimbo ainda da mesma editora sediada na ilha do Pico, da qual o poeta é também oriundo, será mais difícil fazer a mesma analogia. *Com Navalhas e Navios* acrescenta poemas a quase todos os livros antologados e introduz novas sequências que haviam sido excluídas de *Outros Nomes Outras Guerras*. Longe, contudo, de meramente engordar o volume, esta mais recente colectânea confirma a harmonia, a coerência, a consistência, do trabalho poético de Urbano Bettencourt, quando muito alargando a diversidade formal das suas manifestações. Se sobrevivem apenas dois poemas de *Raiz de Mágoa* (1972), assinalando o mesmo apuro criterioso, indicando por si só estarmos perante uma reflexão crítica em torno de uma produção certamente mais vasta, é também igualmente verdade que as